

**ACESSO AO ENSINO SUPERIOR PARA MAIORES DE 23 ANOS**  
(Dec. Lei nº 64/2006, de 21 de março)

**PROVA DE CULTURA GERAL**

PROVA MODELO

Duração: 90 minutos

Para a realização da prova deverá utilizar as folhas de resolução fornecidas. **Não se esqueça de preencher o cabeçalho das folhas de resolução.** Leia com atenção.

Seguindo o que determina a Resolução do Conselho de Ministros n.º 8/2011, tomada em 9 de dezembro de 2010, as respostas dadas devem estar em consonância com as normas estabelecidas para o **uso do Novo Acordo Ortográfico.**

**Grupo I**

«Aconteceu a 11 de Maio de 1997. Após uma derrota, uma vitória e três empates, Deep Blue, programado pela IBM, acabaria por vencer o sexto e decisivo jogo da histórica partida de xadrez contra Garry Kasparov. O xadrezista russo, incrédulo e abalado, não aceitou bem a derrota. Na verdade, dado o comportamento da máquina durante o jogo, protestou: algumas das suas jogadas acusavam intervenção humana.

Hoje, passados mais de 25 anos, o mais espantoso é que Kasparov tenha julgado possível continuar a vencer um computador que, já nessa altura, era capaz de analisar 100.000.000 jogadas por segundo. Ainda assim, não deixa de ser irónico que a sua derrota se tenha devido, como mais tarde se especulou, ao facto de Kasparov ter interpretado como estratégica uma jogada que resultara de um “erro informático”. Segundo Nate Silver, que conta a anedota em *The Signal and the Noise*, foi essa jogada, imperscrutável nos seus fins, que desconcentrou fatalmente o xadrezista.

O debate em torno da inteligência artificial (IA) está de volta. Porém, já não seria apenas devido à sua capacidade de cálculo que a máquina, em tempos de big data e deep learning, ameaça superar a inteligência humana. Veja-se o caso da empresa OpenAI. Com o Dall-E (um gerador de imagens) e o ChatGPT (uma caixa de diálogo), os usos da IA invadem os domínios da criação e do conhecimento. Num caso, um programa capaz de criar imagens à maneira deste ou daquele artista, ampliar as suas obras-primas, cruzar os seus estilos. Noutro caso, um programa capaz de produzir texto, reunindo, sintetizando e cruzando informação, em conversas informais com o seu utilizador. A incredulidade e a inquietação alastram. O orgulho humano está ferido... Não bastava a derrota de Kasparov? Querem agora destronar Vermeer, Beethoven, Kant?

Desengane-se, entretanto, quem julgue que as preocupações suscitadas por estes programas são meramente especulativas. Há-as também bem pragmáticas. Como lidar com a questão dos direitos de autor, quando estes abarcam obras mas não estilos? É legítimo reclamar a autoria de uma obra gerada parcialmente por algoritmos? Como evitar, nas escolas e universidade por esse mundo fora, que os estudantes façam “batota”? Como podem ou devem reagir os docentes ao uso desta tecnologia? Está o ensaio morto, como aventa Stephen Marche — num tom algo apocalíptico — num artigo recente publicado em *The Atlantic*?

Ciente de que o impacto da IA abrange a um só tempo os domínios do conhecimento e da criação, decidi fazer uma experiência. Propus, numa aula de Filosofia da Música dedicada à discussão do conceito de génio, a audição de uma peça sinfónica: nada mais nada menos do que a 10.<sup>a</sup> Sinfonia de Beethoven de... 2021. Ouvíamos, portanto, uma composição gerada com o auxílio de um algoritmo a partir de fragmentos do compositor, que resultou de um projecto em que intervieram musicólogos,

compositores e programadores, unidos no propósito de dar a ouvir o que poderia ter sido a derradeira sinfonia de Beethoven. Cabe a cada um julgar o resultado. Demasiado previsível? Aquém das nove sinfonias anteriores do mestre de Bona? Melhor ou pior do que a tentativa, com base nesses mesmos fragmentos, de Barry Cooper em 1988? Certo é que a composição “soa a Beethoven”. [...]

Um algoritmo pode compor como Beethoven: pode, seguindo certas regras, instruções, padrões, emular o seu estilo. Mas não pode “errar” como Beethoven. Não pode entusiasmar-se. Não pode angustiar-se. Sobretudo, não pode não compor como Beethoven. Está condenado a imitar-se. Paradoxalmente, só Beethoven pode não compor como Beethoven.

[...] Num artigo particularmente lúcido sobre os usos da Inteligência Artificial, Marco Donnarumma defende que a Inteligência Artificial é em larga medida “soft propaganda” para a “ideologia da previsão” que domina o Norte Global. Não se trata de negar a utilidade da IA: na medicina, na engenharia e, certamente, na cultura. Trata-se — e uma coisa não impede a outra — de olhar criticamente para os pressupostos em que a sua valorização exacerbada assenta. Tudo seria calculável; tudo seria previsível; tudo seria controlável. Calcular para prever; prever para controlar — eis o projecto. Big data, deep learning e IA formam um sistema.

As inquietações em torno dos usos da Inteligência Artificial não são apenas consequência do avanço tecnológico desde os tempos de Kasparov. São também um sintoma do empobrecimento da compreensão do mundo, assim como do que significa a interlocução, a experiência e a inteligência humanas. Disso são também as ciências sociais e humanas vítimas. Veja-se a quantificação da pesquisa, a redução do qualitativo ao quantitativo, a tónica na produtividade, o devir-empresa da universidade, a privatização do conhecimento. Mas a resposta não pode ser meramente defensiva. A importância das humanidades não é uma herança. É — pode e deve ser — uma conquista.

A inteligência humana é plural: matemática, espacial, emocional... E se há uma inteligência cara às humanidades é a inteligência crítica. Devemos-lhe, desde logo, o reconhecimento de que há várias inteligências. Tal como lhe devemos a compreensão de que com o reconhecimento da pluralidade das inteligências se abre a discussão sobre os seus usos, os seus fins e o seu valor. Nesta discussão, em que nenhuma calculadora pode fazer toda as contas, cabe também às humanidades ensaiarem uma visão menos preconceituosa, mas nunca menos atenta ou crítica, acerca da tecnologia.

De algum modo, cometemos um erro inverso ao de Kasparov. O erro de atribuir à máquina, na sua insuperável capacidade de cálculo, um tipo de inteligência que ela não possui. Apontamos-lhe o dedo indignados. Distraímos-nos... E logo quando devíamos estar mais concentrados no jogo.»

João Pedro Cachopo (Artigo publicado no Jornal Público, de 12/02/2023)

- 1. Dê um título do texto. Justifique. (cerca de 80 palavras)**
- 2. De acordo com o texto, aponte dois perigos e duas potencialidades da inteligência artificial. (cerca de 100 palavras)**
- 3. Comente a seguinte expressão, retirada do texto: «Um algoritmo pode compor como Beethoven: pode, seguindo certas regras, instruções, padrões, emular o seu estilo. Mas não pode “errar” como Beethoven. Não pode entusiasmar-se. Não pode angustiar-se. Sobretudo, não pode não compor como Beethoven. Está condenado a imitar-se. Paradoxalmente, só Beethoven pode não compor como Beethoven.».** (cerca de 120 palavras)

## Grupo II

**Analise cada uma das frases abaixo e reescreva-a corrigindo o erro presente em cada uma.**

1. Arrenda-se casas.
2. Fazem cinco anos.
3. Fazem-se concertos.
4. É preferível lutar do que morrer sem glória.
5. Ele atrasou-se por que o trânsito estava congestionado.
6. Ele disse que à um acento nesta palavra.
7. Há-des ver este filme, é muito bom.
8. Não sei aonde fica aquele café.
9. Ele entrevistou naquela situação.
10. Este ano já fizestes a revisão do teu carro?
11. A partida desta pessoa foi uma enorme perca.
12. A Célia decidiu sair de casa, muito cedo, para ir às compras.
13. A intenssão dele era sempre deixar tudo da melhor forma possível!
14. Uma cesta de 20 minutos pode ser suficiente para melhorar o nosso estado de espírito.
15. O tipo de bucal influencia o timbre e a altura do som produzido pelo trompete.

## Grupo III

**Num texto bem estruturado, com cerca de duzentas palavras, apresente uma reflexão sobre as ideias expostas no texto transcrito a seguir.**

«O 25 de Abril é o feriado mais aguardado em Portugal. O dia marca a rutura total com a ditadura e a entrada do país numa realidade oposta, a da democracia. Aconteceu há cerca de 50 anos e há pessoas que ainda carregam memórias do antes e pós-25 de Abril. Mas e os jovens? O que sabem sobre o 25 de Abril? E, mais importante que isso, estarão os jovens a manter a chama da democracia viva? Os investigadores alertam que quem adormece em democracia, um dia pode acordar em ditadura.»

Sic Notícias, 24/04/2023

**Cotação das Questões (200 pontos/20 valores):**

**Grupo I (70 pontos)**

**Questão 1 – 15 pontos**

**Questão 2 – 30 pontos**

**Questão 3 – 25 pontos**

**Grupo II (45 pontos)**

**Cada frase – 3 pontos**

**Grupo III (85 pontos)**

**CrITÉRIOS de Avaliação da Prova:**

- Estruturação temática e discursiva
- Correção linguística
- Coerência e coesão linguísticas